DIÁRIO DE BORDO

PRÊMIO NOBEL DE ECONOMIA

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

HÁ MUITO tempo, está claro que a sustentabilidade é uma condição essencial para a competitividade. A cada dia que passa, mais consumidores, analistas e estudiosos afirmam que qualquer produto terá mercado se ficar demonstrado que foi obtido com serviços e insumos sustentáveis. Sempre existe o risco do radicalismo ou do maniqueísmo nesse tema, de forma que um ou dois dos três pilares da sustentabilidade – o ambiental, o social e o econômico – tenha(m) maior relevo do que outro(s). Fundamental, portanto, é o equilíbrio nos critérios de avaliação.

No entanto, o assunto é tão importante que o Prêmio Nobel de Economia deste ano foi concedido a dois pesquisadores norte-americanos dedicados ao estudo da sustentabilidade: William Nordhaus, de 77 anos, e Paul Romer, de 62.



O primeiro é professor em Yale, e os seus trabalhos sobre Economia Ambiental começaram na década de 1970, sempre voltados para a interação sociedade/natureza. Na década de 90 do século passado, ele criou um modelo de avaliação quantitativa para medir a interação global entre economia e clima, com uma marcante preocupação quanto aos efeitos da combustão de combustíveis fósseis no aquecimento climático. Este modelo mostra como a economia e o clima seguem rotas conjuntas de desenvolvimento, embora não necessariamente progridam igualmente. A partir dos seus estudos, fica visível a possibilidade de intervenção na política climática a partir de ações econômicas, como a incidência de impostos sobre o carbono emitido ou fixado. Isso deu origem ao método de taxação de carbono, com consequências no uso de combustíveis renováveis.

Já o segundo é professor na escola de gestão NYU Stern, e o seu trabalho mais influente foi publicado em 1990, lançando as bases da teoria do crescimento endógeno. A partir daí, Romer demonstrou que políticas que promovem a educação estimulam diretamente o desenvolvimento tecnológico, em uma clara demonstração de causa e efeito. Segundo ele, "as pesquisas macroeconômicas anteriores enfatizavam a inovação tecnológica como o principal motor do crescimento econômico, mas não modelavam que as decisões econômicas e as condições de mercado determinavam a criação de novas tecnologias". Em outras palavras, ele provou que as forças econômicas também governam a disposição das empresas de produzir inovação, e não apenas o contrário.

A sua teoria deu origem a uma grande quantidade de novas pesquisas sobre regras e políticas que fomentam a prosperidade, o que se aplica fortemente ao crescimento sustentável. Romer comenta que "muitas pessoas acham que proteger o meio ambiente será tão caro e tão difícil que apenas querem ignorar o problema". Na realidade, essa questão tem tudo a ver com desenvolvimento econômico, o que demanda muito mais investigação científica e inovação tecnológica.

Vale lembrar que o prêmio Nobel aproxima-se dos cinquenta anos de idade, tendo sido oferecido pela primeira vez em 1969.

Uma curiosidade: a idade média dos premiados é de 67 anos, o que significa o reconhecimento de uma longa trajetória profissional. E outra: até hoje, só uma mulher foi agraciada com o prêmio, a americana Elinor Ostrom, e assim mesmo em conjunto com o seu compatriota Oliver Williamson, pelos seus trabalhos sobre governança econômica, em 2009. ■